

ATLETAS MULHERES RELEMBRANDO DO FUTEBOL NA INFÂNCIA – A TRANSPOSIÇÃO DE FRONTEIRAS DE GÊNERO

WOMEN ATHLETES REMINISCING FOOTBALL IN CHILDHOOD – TRANSPOSITION OF GENDER BORDERS

Maria Thereza Oliveira Souza¹ e André Mendes Capraro¹

¹Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil.

RESUMO

O futebol tem sido historicamente pouco praticado por meninas em escolas e espaços de lazer na infância. Apesar disso, sempre existiram meninas que cruzaram as “fronteiras de gênero” – entendidas como as linhas tênues que dividem os comportamentos ditos adequados e culturalmente estabelecidos aos sexos – e passaram a conviver com meninos na prática do futebol. No intuito de entender como se deu esse processo na vivência de algumas atletas, foram formuladas as seguintes perguntas norteadoras: de que forma narram as suas memórias sobre a infância no futebol, mulheres que seguiram caminhos profissionais em tal esporte? Como os meninos as tratavam a partir do momento em que elas manifestavam interesse pela prática? No anseio de respondê-las, utilizou-se a metodologia de História Oral. Alguns aspectos encontrados nas narrativas das atletas revelam que nenhuma das trajetórias esteve livre das tentativas de impedimento ou restrições à prática de futebol, seja por meio do desencorajamento de familiares, ofensas ou a exclusão inicial do convívio masculino. Entretanto, as entrevistas permitiram aferir que interdições às meninas não se dão necessariamente ou exclusivamente por seu sexo, mas sim pela diferença de habilidade técnica apresentada em relação à maioria dos meninos.

Palavras-chave: Memórias. Mulheres. Futebol. Fronteiras de gênero.

ABSTRACT

Football has historically been little practiced by girls in schools and leisure spaces in childhood. Nevertheless, there were always girls who crossed the “gender borders” - understood as the thin lines that divide said appropriate behaviors established to the sexes - and went to share the practice of soccer with boys. In order to understand how this process took place in the experience of some athletes, the following guiding questions were formulated: how narrate their memories of childhood in football, women who followed career paths in this sport? How the boys treated them from the moment they manifested interest in practice? In the desire to answer them, it was used oral history methodology. Some aspects found in the narratives of athletes reveal that none of the trajectories was free of attempts to impediment or restrictions on the practice of football, either by discouraging family, offenses or the initial exclusion of male conviviality. However, the interviews allowed measure that bans to the girls are not necessarily or exclusively by their sex, but by the technical skill difference presented in relation to most boys.

Keywords: Memories. Women. Football. Gender borders.

Introdução

Percebe-se que histórica e culturalmente são fixados papéis que devem ser ocupados e comportamentos que devem ser seguidos por homens e mulheres no convívio social. Em grande parte das famílias e das instituições de ensino, os enquadramentos aos papéis delimitados tendem a ser ensinados e encorajados desde a infância, existindo atividades adequadas para cada sexo^{1,2}. No intuito de elucidar estas divisões e diferenças e suas consequências e implicações, convencionou-se que seja aplicado o conceito de gênero, o qual se refere às construções sociais estabelecidas sobre os sexos³. Tal conceito interessa a presente pesquisa pelo fato de que, “[...] em um nível institucional, individual e interacional também está embutido nas estruturas e nos sistemas esportivos”^{4:33}.

Assim, no Brasil, por exemplo, o futebol acabou por se constituir como um esporte amplamente caracterizado como masculino e a mulher, conseqüentemente, esteve afastada da prática regulamentada da modalidade por um longo período de tempo, sendo que seu caminho em tal esporte se caracterizou como irregular e repleto de interdições, regulamentações e proibições⁵. Muito em decorrência disso, o futebol também foi historicamente pouco praticado pelas meninas em escolas e espaços de lazer na infância, fazendo com que se perpetuassem as diferenças no número de praticantes, nas oportunidades e nas habilidades apresentadas entre os dois sexos, já que os meninos são geralmente “[...] reiteradamente treinados e assim vão construindo certa habilidade com o manéjo da bola. O que, via de regra, não acontece com as garotas, as quais, quando vêm a jogar futebol, o fazem mais tardiamente”^{6:540}. Tais espaços – escola e de lazer – se constituíram como de manifestação de domínio masculino⁷.

Apesar disso, sempre existiram meninas que cruzaram as “fronteiras de gênero” – aqui entendidas como as linhas tênues que dividem os comportamentos ditos adequados e culturalmente estabelecidos aos sexos masculino e feminino^{3,8} – e passaram a conviver com meninos na prática do futebol. Cabe salientar que a ideia de “[...] gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) de feminilidade”^{9:265}. Assim, na maioria das vezes, há certo estranhamento quando as fronteiras são minimizadas ou parcialmente transpostas por agentes, seja do sexo feminino ou masculino.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a discutir as construções memorialísticas de quatro ex-atletas da seleção brasileira de futebol sobre as experiências vividas na iniciação esportiva dessa modalidade, quando, na grande maioria das vezes, as meninas que anseiam por praticá-la têm de fazê-lo em um meio majoritariamente masculino, ou seja, são as exceções em seu lócus social. Para tanto, as perguntas que nortearam tal estudo foram: de que forma narram as suas memórias sobre a infância no futebol, mulheres que seguiram caminhos profissionais em tal esporte? Como os meninos as tratavam a partir do momento em que elas manifestavam interesse pela prática?

No anseio de responder a tais questionamentos, optou-se pela utilização da metodologia de História Oral, a qual tem como principal característica a produção de fontes orais por meio de entrevistas no encontro entre o pesquisador e seus colaboradores, que devem ser “[...] indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”^{10:155}. Tal metodologia necessita de apoio nos estudos referentes à utilização da memória como fonte, já que as narrativas dos colaboradores são baseadas amplamente em seus esforços para relembrar. Nesse sentido, tal pesquisa pautou-se principalmente nos pressupostos metodológicos e teóricos de Alessandro Portelli¹¹ e Michael Pollak¹².

As atletas foram selecionadas de acordo com sua longa trajetória no âmbito do futebol semiprofissional brasileiro, sendo que se utilizou, como critério de inclusão, a passagem destas pela seleção brasileira. As entrevistas duraram entre quarenta e cinco minutos e uma hora e vinte minutos e todas as entrevistadas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, por meio do qual autorizaram a utilização do conteúdo das gravações pelos pesquisadores e permitiram a vinculação de seus nomes verdadeiros, ainda que o documento contasse com a opção para que solicitassem a manutenção de anonimato, se assim achassem necessário. Este estudo possui vínculo com a pesquisa denominada “QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: perscrutando as memórias e as narrativas do esporte”, a qual possui aprovação do Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, sob o número CAAE 51225615.5.0000.5540. Os conteúdos das narrativas foram transcritos seguindo os pressupostos metodológicos de Verena Alberti¹⁰, a qual recomenda

que a transcrição deva manter a fidedignidade da fonte oral, embora com mínimos ajustes para que o texto possa ficar mais bem adequado à atividade de leitura.

Aspecto caro no qual a análise se pautou foi o não julgamento, como a metodologia de História Oral preza. Apesar de não haver a intenção de se deixar levar unicamente pela fala das entrevistadas, concorda-se que o confronto com outros tipos de fontes pode se tornar perigoso na abordagem de tal metodologia, haja vista que não se devem procurar verdades, mas sim os sentidos e significados das memórias narradas pelos colaboradores, pois “[...] todas elas são significativas e refletem com pertinência o narrador.”^{13:122}

Experiências, embates e resistência

Fatores que são facilmente perceptíveis ao se analisar ambientes formais ou informais de prática de futebol entre crianças é que há ali uma grande predominância de participação masculina⁸. Entretanto, é cada vez mais comum que sejam notadas “intrusas” dispostas a disputar esses espaços com seus colegas. Atualmente isso está causando menos estranhamento, mas isso nem sempre foi assim. Essa constatação é reforçada pela fala da primeira entrevistada da presente pesquisa, Dayane Rocha, que após muitos anos de carreira no futebol nacional e internacional, além de várias convocações para a seleção brasileira, descreve assim sua iniciação no esporte:

Com sete anos de idade meu pai decidiu me colocar em uma escolinha de futebol. Eu era a única menina no meio dos meninos, sofri um pouco com isso no começo, porque pense, eu sou de [19]85, então era bem o tempo em que o futebol feminino era muito discriminado e sendo a única menina no meio dos meninos e podendo jogar uma categoria abaixo, eu era sempre acima deles e em função disso eu sofri muita discriminação, porque os pais vinham de fora e falavam assim: “ah como que uma menina joga no meio dos meninos e ainda é a camisa 10 do time?”. Isso foi um dos pontos negativos que eu tive no começo da minha carreira, mas meus pais a partir disso decidiram me apoiar, então eu fiquei dos sete aos quatorze anos na escolinha. (DAYANE ROCHA, 2016).

A primeira frase da supracitada fala revela algo importante, já que geralmente têm-se naturalizado que o machismo é produzido e aplicado exclusivamente por homens, e, nesse caso, o pai da atleta foi o maior incentivador para que a atleta entrasse em um ambiente de notável dominância masculina – fenômeno também já constatado em narrativas de atletas em outras pesquisas na área¹⁴ – em um período que o esporte feminino ainda não havia atingido a relevância que possui atualmente. Apesar disso, a partir de um trecho anterior, as memórias da atleta revelam que de início enfrentou resistência dentro de seu próprio núcleo familiar:

Aos seis anos de idade eu quebrava tudo dentro da minha casa, porque minha paixão sempre foi o futebol, sempre foi a bola e os meus pais não me apoiavam. Eles não queriam me dar bola, então eu fazia minhas próprias bolas. Cortava cabeça da minha boneca, cortava os cabelos pra fazer de bola, e com isso lutei contra os meus pais até um tempo. (DAYANE ROCHA, 2016).

A partir de idas e vindas de sua narrativa, já que “[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”^{15:9}, é possível a interpretação de que este apoio se deu apenas a partir de insistência por parte da atleta e de sua resistência, inclusive, às tentativas de adequação às normas femininas, visto que ela revela que transformava bonecas (brinquedo amplamente identificado com o gênero feminino) em bolas para jogar futebol – invertendo totalmente a lógica social a qual deveria seguir. Tal fato demonstra que a “[...] diferença de gênero não é

algo que simplesmente existe. É algo que acontece e precisa ser feito acontecer; é também algo que pode ser desfeito, alterado, tornado menos importante”^{16:56}, ou seja, essa estrutura social está o tempo todo colocada em disputa por indivíduos, instituições e grupos.

Com discurso símile em relação ao apoio ligado à figura de seu pai, mas com um tom ainda mais ameno em relação às possíveis dificuldades encontradas no início de sua prática esportiva, Marina Toscano Aggio, que também figurou em muitas convocações da seleção brasileira afirma:

[...] eu nunca enfrentei, dentro da minha casa, resistência na prática da modalidade, mesmo porque meu pai é um apaixonado pela modalidade, então, desde pequena eu era levada pros campos, brincava, jogava no meio dos homens. Então, toda resistência que normalmente as meninas encontram na prática da modalidade, por causa da família, eu não tive esse problema, porque o meu pai, os meus pais, me deram um aparato, um suporte muito grande durante esse tempo. (MARINA AGGIO, 2016)

O discurso de Marina Aggio transparece a ciência da atleta em relação às dificuldades que muitas meninas enfrentam no momento em que demonstram interesse pela prática de futebol e assim reitera o que há muito já vem sendo discutido e defendido a respeito das barreiras para o crescimento dessa modalidade no Brasil¹⁷, sendo ela uma daquelas “sortudas”, pelo menos em seu entendimento, por não ter encarado esse tipo de objeção.

Demonstrando as particularidades de cada trajetória e, também, as divergências na reconstrução de memórias e nos posicionamentos dentro de círculos sociais formados a partir de características em comum¹¹, Karen Rocha, atleta que disputou o Pan-Americano de 2011 pela seleção brasileira, afirma que:

[...] não tinha ideia de como era o preconceito, que menina não podia jogar, mas desde cedo eu sofri com isso, pelo fato: “Ah, essa aí é Maria João” e eu não entendia, pra mim não tinha sentido, porque eu me destacava junto com os meninos, eu cresci junto com eles. Era um padrão só de idade, e fui, fui crescendo com eles e depois começaram as chacotinhas e as brincadeiras de mau gosto. Dai eu jogava dentro da escola, mas eu tinha que impor (eu não entendia porque), mas eu acabava impondo pra poder jogar, dava porrada nos meninos mesmo [risos]. “Pode me botar” [risos] e dai nisso, tinha uma menina, uma colega da escola que também gostava, então eu tinha uma coleguinha que jogava, então já era um motivo pra eu querer jogar sempre né. (KAREN ROCHA, 2016).

Ou seja, enquanto Marina Aggio minimiza os preconceitos enfrentados no início da prática esportiva, Karen Rocha declara a necessidade de imposição frente aos impedimentos que sofria dos meninos. E nesse ponto de sua fala surge aspecto fundamental à análise, já que parece existir uma mudança no comportamento dos garotos quando estes saíram da infância para a adolescência – foi nessa fase que começaram os deboches, como revela a atleta. Tal momento se constitui como de maturação biológica e ampla diferenciação entre os sexos, o que pode culminar em um aumento expressivo na lacuna entre as performances físicas de cada um e em uma mudança nos interesses tanto de meninos quanto de meninas, que passam a observar seus pares segundo a visão dualista de gênero encontrada em grande parte das sociedades modernas. Contrariando tais regras sociais, a própria atleta diz ter se utilizado de mecanismos característicos dos enquadramentos de masculinidade para se estabelecer nesse meio, indo de encontro à defesa dos meninos em relação às suas posições, já que:

As meninas representam uma ameaça nos jogos de futebol, na medida em que elas podem vir a modificar os significados de certos eventos que ocorrem no interior do jogo, podendo, inclusive, destituir-lo da conotação masculina, tendo os meninos de buscar outras estratégias para se fazerem meninos: aderindo a uma outra modalidade de jogo, na qual não há a presença de meninas, ou admitindo a possibilidade de parâmetros menos ortodoxos em relação à diferenciação de gênero.^{18:147}

Karen se mostrou de certa forma orgulhosa por ter superado as tentativas de exclusão, e se utilizou de tom humorado para descrever que se “impôs” aos meninos. Suas expressões demonstraram que aqueles fatos já não provocavam mais o descontentamento que um dia poderiam ter causado, haja vista que ter atingido uma carreira profissional parece ofuscar esses percalços. Dessa forma, sua narrativa demonstra a importância e o fascínio das fontes orais, pelo “[...] fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significados através do trabalho de memória e do filtro da linguagem.”^{19:18}

Dayane Rocha também declarou que esse tipo de situação ocorria em seus primeiros passos na modalidade, quando atuava exclusivamente entre garotos:

Nessa época eu tinha sete anos, estamos falando de 1992 por aí, era uma época em que o futebol feminino tinha muito preconceito, mas muito mesmo. Lembro assim, até hoje, que muitas vezes meu pai saiu na porrada com outros pais porque eles falavam: “é, menina tem que estar ajudando a mãe lavar louça, única coisa que sabe fazer é crochê”. Foi uma época em que eu sofri preconceito, e isso afetou a minha família muitas vezes. Por muitas vezes minha mãe falou que eu não iria jogar mais futebol e meu pai defendia que eu iria jogar sim, dizendo que, enquanto ele pudesse lutar junto comigo, eu iria jogar. (DAYANE ROCHA, 2016)

Sua experiência demonstra que há uma grande dificuldade de aceitação quando algumas regras e costumes amplamente enraizados na sociedade são, de alguma forma, transgredidos, já que “fazermos nosso próprio gênero, mas não somos livres para o fazermos como quisermos. Nossa prática de gênero é poderosamente formatada pela ordem de gênero em que nos encontramos”^{16:156}. Nesse caso, a mãe da atleta, possivelmente com receio de que sua filha sofresse com as consequências de tal transgressão, preferia aconselhá-la a seguir por outro caminho enquanto alguns pais de outros atletas tentavam desencorajar sua participação, para que características masculinas pudessem ser garantidas ao ambiente no qual eles investiam na formação de seus filhos.

Outro importante aspecto das relações pessoais entre meninos e meninas no futebol, que se revela com as reminiscências das atletas, é que o respeito e a interação entre os pares dependem muito da habilidade demonstrada por elas e da superação do estranhamento inicial à presença feminina. Simone Jatobá, atleta que disputou o Pan-americano de 2007 com a seleção brasileira, após contar que até os doze anos de idade jogava futebol apenas em meio a garotos e ser perguntada se havia resistência deles à sua presença, respondeu que “[...] antes de tocar na bola, sim, depois que você começa a jogar, eles veem que você não é tão ruim quanto parece, então as coisas mudam um pouco, aí eles começam a te escolher pro time, mas até então: ‘ah, menina não joga futebol, menina não sabe jogar’, aquela coisa toda.” (SIMONE JATOBÁ, 2016). Nota-se aqui que a atleta troca o “eu”, que utilizou durante grande parte de sua narrativa, por “você”. O deslocamento pronominal, tão característico das fontes orais¹¹, pode ser interpretado como uma tentativa de demonstrar que esse tipo de fenômeno não é uma particularidade de sua experiência. O que é reforçado na fala de Marina Aggio:

No início sim [havia resistência], eu lembro que quando eu fui fazer a inscrição quando a escolinha abriu, nós estávamos em 150 meninos, dentre os quais era só eu de menina, e todo mundo ficava me perguntando: “o que você tá fazendo aqui? O que você tá fazendo aqui?” E eu falava: “eu vou jogar, eu vou treinar, eu vou ganhar o que vocês vão ganhar né, o mesmo conhecimento que vocês”, mas foi somente naquele momento, depois os meninos se acostumavam tanto com a minha presença, que quando eu não ia ou quando eu faltava nas aulas, eles ficavam me perguntando o porquê eu tinha faltado. E dali eu fiz grandes amizades, das quais eu consigo ter pessoas até hoje no meu *Face*, no antigo *Orkut*. Então assim, a retaliação foi só no início, depois eles se acostumaram com a minha presença e foi tudo *ok*. (MARINA AGGIO, 2016)

Tais reminiscências coadunam-se com os elementos constatados por Eustáquia Sousa e Helena Altmann, que ao analisar as interações esportivas em aulas de Educação Física, afirmaram:

[...] o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor freqüência até mesmo do que algumas meninas.^{20:56}

Isso também foi observado por Osmar Moreira de Souza Júnior e Suraya Cristina Darido: “O fato de elas serem mais aceitas quando demonstram saber jogar mostra que a discriminação nas aulas deve-se mais a uma falta de habilidade que ao fato de serem mulheres.”^{7:6}. Constata-se então que, segundo as reminiscências dessas atletas, ao se provarem capazes, elas se legitimavam em meio aos meninos. E, atenta-se nesse sentido, para um possível senso identitário em tais afirmações, tendo em vista que o processo memorialístico e de representação de colocar-se como qualificadas tecnicamente desde a infância as legitima em seu meio e logicamente aos olhos dos pesquisadores, já que a memória “[...] vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo.”^{15:16}

Considerações Finais

Alguns aspectos encontrados nas narrativas das atletas entrevistadas revelam que nenhuma das trajetórias esteve livre das tentativas de impedimento ou restrições à prática de futebol, seja por meio do desencorajamento de familiares, ofensas ou a exclusão inicial do convívio masculino.

Entretanto, as entrevistas permitiram aferir que as interdições em relação às meninas no futebol não se dão necessariamente ou exclusivamente por seu sexo, mas sim pela diferença de habilidade técnica apresentada em relação à maioria dos meninos, dedução símile àquelas expostas em outros estudos de mesma temática²⁰. Cabe ressaltar que grande parte de tal diferença existe possivelmente em decorrência das expectativas criadas e das características valorizadas em relação a meninos e meninas, o que gera desigualdades de incentivo e tempo de prática. Tais aspectos foram minimizados no caso dessas atletas, precisamente pela constante participação nas brincadeiras relacionadas ao futebol. Nesse ponto vale destacar o caráter transitório e mutante das noções de gênero, já que apesar de existirem estruturas discursivas de controle, indivíduos e grupos estão constantemente reconfigurando-as a partir de ações intencionais ou atividades cotidianas.

No que tange suas memórias, a partir do momento em que estavam inseridas em um meio majoritariamente masculino para a prática do futebol e apresentavam qualidades

técnicas similares às deles, essas atletas eram bem aceitas e passavam a fazer parte do grupo, ainda que valha a ressalva de que “[...] por meio do ato de narrar, eventos dispersos se transformam em um todo com significado”^{13:59}, ou seja, há indícios de que as atletas tendem a contar suas histórias no esporte como uma caminhada evolutiva e crescente, como se os retrocessos ou períodos de fracasso fossem momentos menos importantes.

Em vias de finalização, cabe salientar que tais narrativas, apesar de “[...] capazes de comunicar experiências que vão além da trajetória particular de determinado entrevistado”^{21:110}, ou seja, que podem elucidar questões mais amplas em relação aos grupos e atividades sociais aos quais essas atletas estão vinculadas, são construções elaboradas no encontro entre pesquisador e colaboradores. Sendo que, a presença do primeiro, sua proximidade com o entrevistado, seu status social, sua aparência e seu modelo de interação durante a gravação são elementos que contribuem e afetam a maneira com que memórias e acontecimentos são narrados. Assim, não se pode negligenciar a tentativa de representação de uma identidade a partir da defesa de características como resiliência e coragem para superar obstáculos e a autovalorização técnica dessas atletas ao afirmarem que suas habilidades as faziam ser aceitas, já que “[...] não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”^{15:19}. Ademais, a memória, por se constituir como uma atividade seletiva²², molda a narrativa a fim de deixá-la agradável às expectativas que os colaboradores acreditam ser àquelas que os pesquisadores apreciariam.

Referências

1. Louro GL. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed. Petrópolis: Vozes; 1997.
2. Le Breton D. A sociologia do corpo. 2.ed. Petrópolis: Vozes; 2006.
3. Scott JW. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade 1995; 20(2):71-99.
4. Pfister G. Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais. Movimento 2003;9(2):11-35.
5. Goellner S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Rev Bras Educ Fís Esporte 2005;19(2):143-151. doi: 10.1590/S1807-55092005000200005.
6. Sales SR, Paraíso MA. Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero. Estudos Feministas 2011;19(2):535-548. doi: 10.1590/S0104-026X2011000200015.
7. Souza Júnior OM, Darido SC. A prática do futebol no ensino fundamental. Motriz rev fis educ fis 2002;8(1):1-9. doi:10.5016/6489.
8. Altmann H. Marias (e) homens nas quadras: ocupação do espaço físico escolar. Educação & Realidade 1999;24(2):157-173.
9. Connell R, Messerschmidt J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas 2013;21(1):241-282. doi: 10.1590/S0104-026X2013000100014.
10. Alberti V. Histórias dentro da história. In: Pinsky CB, organizadora. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto; 2008, p. 155-202.
11. Portelli A. Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz; 2010.
12. Pollak M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos 1989;2(3):3-15.
13. Patai D. História oral, feminismo e política. São Paulo: Letra e Voz; 2010.
14. Altmann H, Reis HHB. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. Movimento 2013;19(3):211-232.
15. Candau J. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto; 2011.
16. Connell R, Pearse R. Gênero – uma perspectiva global. São Paulo: nVersos; 2015.
17. Knijnik JD, Souza JSS. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: Simões AC, Knijnik JD, organizadores. O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph; 2004, p. 191-212.
18. Damo AS. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. Gênero 2007;7(2):137-152.

19. Portelli A. História Oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz; 2016.
20. Sousa ES, Altmann H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes 1999;19(48):52-68.
21. Alberti V. Ouvir Contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.
22. Pollak M. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos 1992;5:200-212.

Agradecimentos: Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nivel Superior (CAPES).

Recebido em 09/01/16.

Revisado em 07/07/17.

Aceito em 16/08/17.

Endereço para correspondência: Maria Thereza Oliveira Souza. Rua Pernambuco 1730, Bairro Guaíra, PR, CEP 80630160. E-mail: mariathereza_souza93@yahoo.com.br